



UNIVERSIDADE DE BRASILIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

LEANDRO CERQUEIRA VIANA

**A PERSPECTIVA DO ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AO
BULLYING, AO IMPACTO NA SUA AFETIVIDADE, NAS
RELAÇÕES SOCIAIS E NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

CARINHANHA, 2013

LEANDRO CERQUEIRA VIANA

**A PERSPECTIVA DO ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AO
BULLYING, AO IMPACTO NA SUA AFETIVIDADE, NAS
RELAÇÕES SOCIAIS E NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

CARINHANHA, 2013

VIANA, Leandro Cerqueira. A perspectiva do adolescente em relação ao bullying, ao impacto na sua afetividade, nas relações sociais e no processo de ensino e aprendizagem, Carinhanha - Ba, Março de 2013. 76 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

**A PERSPECTIVA DO ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AO
BULLYING, AO IMPACTO NA SUA AFETIVIDADE, NAS
RELAÇÕES SOCIAIS E NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

LEANDRO CERQUEIRA VIANA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Aparecida Lisniowski (FE-UnB)

Co-orientadora Prof. Dr.^{anda} Livia Veleda Sousa Melo (UnB/FE)

Examinador (a) Prof.^a Dr.^a Nara Maria Pimentel (FE-UnB)

Examinador (a) Prof.^a Dr.^{anda} Livia Veleda Sousa Melo (UnB/FE)

DEDICATÓRIA

A minha família que sempre me apoiou nas horas difíceis.

Aos meus amigos que, de forma direta e indiretamente, me estimularam a continuar estudando.

Às minhas tutoras pelos incentivos diários e paciência.

AGRADECIMENTOS

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.
(Fernando Pessoa)

Primeiramente a Deus.

A minha mãe que sempre me incentivou.

Aos meus avós que me deram motivação.

A Enir, Alex, Jaqueline, Ione, Margarete e Laurenice por cada momento que passamos quebrando a cabeça e pelo apoio absoluto.

Laíse, Dilza, Sônia que apareceriam na hora certa com as palavras certas, nos momentos em que pensava em desistir.

Wesley Sara, Jeane, Dalvanice e Edneia pelas ajudas, por tantos galhos quebrados.

Ao meu amigo Cícero Porto pelas incontáveis ajudas.

A Maria de Lourdes, Edilene, Crésia, Darlene, Léia Cássia e Jumária pela dedicação e incentivo.

Minha orientadora Simone Lisniowski. Aos meus mestres que contribuíram para minha formação.

LISTAS DE TABELAS

TABELA I – Informações iniciais sobre o tema de pesquisa.

TABELA II – Categorização da concepção dos alunos sobre bullying e os conceitos de justiça desenvolvidos por Piaget.

TABELA III – Categorização da fala dos alunos sobre bullying segundo os diferentes conceitos de moralidade explicada por Piaget.

RESUMO

O presente estudo debruça-se sobre o problema do bullying na perspectiva dos adolescentes e seu impacto na afetividade, relações sociais e no processo de ensino aprendizagem. O desenvolvimento do estudo foi realizado uma pesquisa de caráter exploratório e empírico com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através da aplicação de uma entrevista e pelo grupo focal. Os dados coletados foram analisados e fundamentados com base nas obras *O juízo moral na criança* de Piaget e *Bullying: mentes perigosas na escola* de Ana Beatriz B. Silva. A fundamentação feita tendo por base esses autores permitiu uma reflexão sobre os conceitos relacionados ao bullying, a concepção de justiça segundo Piaget, à violência e à moralidade na escola. Na teoria da moralidade de Piaget, percebe-se que a educação moral não pode mais ser compreendida como mera transmissão de valores e como orientações para uma vida virtuosa, mas entendida como um espaço onde os educandos possam participar ativamente como sujeito de sua formação moral. Esta pesquisa ajudou a perceber que a concepção dos alunos acerca do bullying reflete uma cultura tanto de tolerância quanto de crítica à violência escolar. A partir das entrevistas foi possível perceber que as práticas pedagógicas reflexivas e dialógicas podem motivar os educandos a se preocuparem com as questões que dizem respeito à vida ética e que possam tomar consciência de suas ações, respeitando a integridade física, social, moral de seus colegas.

Palavras-chave: Bullying, violência escolar, afetividade, relações sociais, educação.

Sumário

MEMORIAL EDUCATIVO “NOVAS DIREÇÕES”	10
QUEM SOU EU?	11
ENSINO FUNDAMENTAL	13
ENSINO MÉDIO	16
SOU EU NA UNB	19
TRUP’EDANA	22
CARREIRA PROFISSIONAL.....	23
TRABALHO MONOGRÁFICO	25
INTRODUÇÃO	26
CAPÍTULO. I - REFERENCIAL TEÓRICO	28
1.1 Conceituação de bullying e violência escolar.....	28
1.2 Os protagonistas do bullying escolar.....	30
1.3 Cultura escolar e bullying	34
1.4. Conceitos desenvolvidos por Piaget acerca de moralidade e justiça em crianças e adolescentes	38
CAPÍTULO. II Metodologia	42
2.1 Procedimentos de coleta	42
2.2 Procedimento de análise	43
CAPÍTULO III - Análise de dados	44
3.1 Caracterização da escola	44
3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa	45
3.3.1 Definição de bullying.....	47
3.3.2 Sentimentos em relação ao bullying.....	48
3.3.3 Ações e reações em relação ao bullying	49
3.3.3.1 Reação adoecedora.....	50
3.3.3.2 Reações transcendententes	51
3.3.4 Em relação à moralidade.....	52
3.3.4.1 Autônoma	52
3.3.5 Em relação à justiça.....	53
3.3.5.1 Justiça Retributiva.....	53
3.3.5.2 Justiça Distributiva	54
3.3.6 O impacto do bullying no processo de ensino-aprendizagem.....	55

CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE	63
ROTEIRO GRUPO FOCAL	64
TABELA DE ANÁLISE	66
QUESTIONÁRIO BULLYING	73
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	75
VIDA PÓS UNB	76

MEMORIAL EDUCATIVO

NOVAS DIREÇÕES

*“Quero deixar minhas pegadas
Sobre as areias do tempo
Sei que havia algo lá
E algo que deixei para trás
Quando eu deixar este mundo
Não vou deixar arrependimentos
Vou deixar algo para lembrar
Então eles não vão esquecer...
Eu estive aqui” (I Was Here – Beyoncé)*

QUEM SOU EU?

Sempre gostei de contar história, desde que não fosse sobre mim mesmo. É sempre mais fácil contar histórias de outras pessoas, mas quando se trata de contar nossa própria história bate aquele receio, certo medo. Por não gostar de me avaliar e não querer relembrar certos momentos de minha vida tenho dificuldades para criar esse memorial.

Nasci em 17 de novembro de 1987, às 17h43min, em Montalvânia Minas Gerais. Sou mineiro de nascimento, mas baiano de coração. Afinal só nasci em Minas, mas fui criado em Carinhanha, uma cidadezinha no interior da Bahia que fica às margens do Rio São Francisco. Recebi o nome de Leandro devido meu pai ser fã da dupla Leandro & Leonardo. Com três anos de idade ganhei meu primeiro irmãozinho que meu pai queria pôr o nome de Leonardo, mas minha mãe não aceitou e batizou como Renan. Graças a Deus ela não permitiu isso. Aos seis anos ganhei meu segundo irmão que recebeu o nome do meu avô materno, Joaquim.

Quando criança morei em frente ao “velho Chico”, nome que carinhosamente chamamos o rio São Francisco. Uma das grandes recordações que tenho de minha infância é a imagem do nascer e do pôr do sol e ver os barcos no meio rio. Que saudades dessa época.

Continuando, ainda na minha infância... posso dizer que aproveitei muito. De fato exerci meu papel de criança. Lembro-me das brincadeiras de roda, da roda de histórias de assombração, pega-pega, pique esconde, boca de forno, anelzinho... Nossa! Como fui feliz. Uma época onde as crianças eram crianças, brincavam sem malícia, bem diferente dos dias de hoje, que se prendem aos aparelhos tecnológicos, dando preferência a amizades virtuais ou ao isolamento deixando de lado o prazer de se divertir ao lado de amigos reais.

Recordo-me de um momento, que hoje dou risadas quando lembro. Na minha rua havia uma casa fechada que diziam ser assombrada. E como criança acredita em tudo, e comigo e meus colegas não seria diferente, alguns garotos mais velhos nos trancaram dentro dessa casa e nos deram o maior susto. Como ficamos apavorados.

Desde pequeno, sempre gostei de animais, gato, cachorro, galinha. Dessa relação veio à vontade de ser veterinário. Mantive essa vontade por toda minha infância e uma parte da adolescência.

Com cinco anos de idade veio a vontade de frequentar a escola, mas por causa da idade não me aceitaram na escola. Que decepção. Nessa mesma época perdi meu avô paterno, o pai Ernesto. Não lembro muito dele, mas sei que ele foi um grande vaqueiro.

Em 1995, minha mãe se divorciou do meu pai, devido umas “puladas de cerca”. Por causa da separação não convivemos muito com nosso pai. Com isso nossa criação ficou toda a cargo da minha mãe, e, diga-se de passagem, ela fez um ótimo trabalho. Meus avós maternos ajudaram muito. Meu avô, na ausência do meu pai, tornou-se minha referência masculina. Não me lembro muito bem, mas logo meu pai teve um outro filho, e que batizou de Leonardo.

No ano 2000 perdi minha avó paterna, minha saudosa mãe Chica. Que falta que ela me faz. Adorava comer de sua comida.

Em 2002 meu pai recebeu a notícia de que estava com câncer. No ano seguinte acabou falecendo devido à gravidade da doença. Não vou dizer que não sofri afinal perdi meu pai, mas ele já tinha nos ensinados a viver sem ele.

Mais uma coisa... Voltando ao dia do meu nascimento, 7h14min depois, outro filho do meu pai chegava ao mundo, Diego. Sou mais velho que ele algumas horas. Que loucura! Nos conhecemos ainda criança, quando entramos para a catequese de coroinhas.

Batalho muito. Corro atrás daquilo em que acredito e desejo. Tudo que faço, dou o meu melhor, sempre em busca da perfeição. Faço tudo para um dia ser lembrado. Lembrado pelas minhas conquistas e realizações.

“Eu estive aqui. Eu vivi, eu amei. Eu estive aqui. Eu fiz, eu concluí tudo que eu queria. E foi mais do que eu pensei que seria. Vou deixar minha marca para que todos saibam. Eu estive aqui...” (I Was Here – Beyoncé)

ENSINO FUNDAMENTAL

Finalmente chegou o grande dia. O dia em que começaria a frequentar a escola. Comecei a estudar na Escola Estadual Lindaura Brito de Assunção. Lembro-me da minha primeira professora na alfabetização, professora Emília. Estudei com ela dois anos seguidos. Fui aprovado para 2ª série, mas fui conservado na 1ª série. Segundo a direção da escola eu não tinha idade adequada para avançar. Fiquei prejudicado.

Em 1995 fui estudar no Colégio Estadual Coronel João Duque, onde tive que repetir a 1ª série. Mas dessa vez foi diferente. Se hoje sei ler e escrever agradeço à tia Fátima (atual secretária de educação) que me alfabetizou e que de fato é uma das professoras que me marcou. Marcou-me pela sua dedicação e o carinho que tinha com todos.

Outra professora que me marcou nessa fase foi à professora da 3ª série, Cecília. Não a chamávamos mais de tia como as anteriores, por ser uma professora rígida, cobrava muito e tínhamos até medo de olhar pra ela. Mantinha de fato um compromisso com a educação. Ralei muito para atender as exigências dela, mas também aprendi muito.

A 4ª série foi que mais marcou por diversos acontecimentos. Um deles foi à perda de uma colega, minha irmã de leite. Uma grande amiga, meiga, inteligente... Mas Deus a chamou e tivemos que aprender a conviver sem ela. Outra situação que me recordo, e que não me orgulho muito, foi quando me juntei com outros colegas e por termos vindo de famílias tradicionais achávamos no direito “de fazer e acontecer” na escola. Praticávamos o *bullying*. Vergonhoso. Mas fazíamos isso também por sermos vítimas. Os mais velhos se aproveitavam de suas condições e vantagens para abusarem de nós. Sofríamos muito. Então tínhamos que descontar a raiva em alguém, né? Que péssima desculpa. Também nessa época comecei a fazer um curso de inglês, que, diga-se de passagem, foi bem legal. A Magali soube ensinar muito bem. *Thank you very much*. Ainda na 4ª série descobri minha verdadeira vocação. Teatro. Nossa, foram nas peças inspiradas na novela Chiquititas que descobri como é divertido, prazeroso e contagiante o teatro.

Foi também na 4ª série que tivemos trocas de professores. Começamos com Sueli, que logo passou para Maria Aparecida que não durou muito. Aí passou a bola para a professora Cristina que deu seu melhor para recuperarmos o tempo perdido. Uma excelente e verdadeira educadora.

Cheguei à 5ª série. Era tudo novo. Não era mais só uma professora, eram várias. Nossa como foi difícil. A professora Valdivia marcou muito minha trajetória da 5ª à 8ª série. Ela me lembrava a professora Cecília. Nas atitudes, dedicação e exigências. A única diferença é que ela não me despertava o medo. Com ela aprendi a conjugar verbos no pretérito mais que perfeito.

A 6ª e a 7ª séries percorreram normais, sem muitos acontecimentos. Mas na 7ª série há algo que me recordo bem. Aprendi a cantar *From This Moment* e *Imagine*. Também... Passamos o ano todo cantando essas músicas. Ah! Não posso esquecer que minha foi minha professora de artes nesses dois anos. E não posso me esquecer de que foi no final da 7ª série que meu pai faleceu.

Estamos em 2002, 8ª série. Última etapa do ensino fundamental. Estava “me achando”. Estávamos no topo. Foi de longe a época mais divertida. Estávamos crescendo, começando a descobrir o mundo. Época do primeiro beijo, dos primeiros amores. Comparando aos dias de hoje começamos tarde. Demos nossa primeira festa. Muito louco!

Jonalva, ótima professora de Matemática. Ela que me ensinou divisão de dois números. Mas logo teve que ser substituída. Ela foi transferida. Mas sua sucessora soube dar conta do recado. Afinal, a professora Cristina já era conhecida da turma. Foi um *show* numérico. Uma verdadeira educadora que acabou se tornando amiga e conselheira. Sem falar em Delson, que sempre vinha com seu romantismo, suas prosas e poesias. Foi aí que li meu primeiro livro, *O cortiço*. Foi muito difícil, afinal não tínhamos o hábito de ler.

Nessa ocasião ainda praticávamos o *bullying*. Meu grupo tinha novos integrantes porque os antigos foram estudar em outra cidade. Nossa vítima preferida era um garoto da nossa sala, que tinha um problema na bexiga. Era só ele ficar nervoso que fazia xixi. Era nossa diversão. Tá bem... Eu sei que não é uma boa coisa, mas achávamos engraçado.

Chegou o final do ano. A hora da despedida, afinal eu sabia que não iria ver mais com tanta frequência meus colegas, e eu também iria estudar em outra cidade. Foi dura a despedida. Estávamos juntos por mais de 6 anos. Já tínhamos nos tornado mais que simples colegas de escola, éramos amigos. Ricardo, Islaine, Ícaro, Jeane, Josy, era hora de dizer adeus.

“Você pode dizer que eu sou um sonhador, mas eu não sou o único. Eu tenho a esperança de que um dia você se juntará a nós e o mundo será como um só... Imagine todas as pessoas compartilhando todo o mundo”. (Imagine – Glee)

ENSINO MÉDIO

Chegou 2003. Ano novo, vida nova. Dei adeus à minha antiga escola e parti para Minas Gerais, mais precisamente em Montes Claros. Comecei o 1º ano do ensino médio/formação geral na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro conhecido como Escola Normal. Uma escola bem conceituada. Sabe aquele dito “aqui se faz, aqui se paga”? Pois é... paguei. Lembram-se do meu grupo lá no fundamental, que adorava aprontar com os outros? Pois é... nessa escola acabei virando vítima. Era criticado por ser baiano, por falar diferente e por ser gordinho. Era difícil. Senti na pele a dor da humilhação. Não durei muito tempo nessa escola. Fui transferido por não ser um lugar muito agradável, e também por ser muito longe de minha casa.

Entrei para a Escola Dulce Sarmiento. Lá eu não era humilhado, era pior. Era tratado como invisível. Custou, demorou muito, mas consegui fazer alguns amigos. Mesmo sendo ignorado por quase toda a escola, teve um momento em que me tornei útil e me fez popular na escola. Em um projeto da escola, minha turma ficou responsável por apresentar músicas populares da Bahia nos anos 90. Como eu era o único baiano na turma fiquei responsável por ensinar e mostrar o gingado do baiano. Arrasamos com a música do Terrasamba.

O restante do ano correu bem, entrei em um curso de inglês (uma pena que não consegui terminar), fiz parte do grupo de teatro da escola. Mas como nem tudo são flores, acabei me decepcionando com as atitudes de algumas pessoas. No final do ano fui renovar a minha matrícula. A secretária ficou pasma por eu ter passado direto. Lembro-me das palavras dela, “pra quem veio da Bahia, até que você é inteligente”. Quanto preconceito com nós baianos.

Nesse tempo que vivi em Montes Claros, descobri que não servia pra ser veterinário. Mudei de ideia quando vi a cadela da casa de minha tia dando a luz. Que coisa medonha. Medicina veterinária acabou ficando de lado. E foquei ainda mais no teatro.

Com o final do ano letivo voltei para Carinhanha passar férias. Reencontrei-me com antigos colegas. E em meio a tantos encontros acabei voltando a estudar no meu antigo colégio. O motivo que me levou a voltar para Carinhanha foi eu ter

descoberto que em Montes Claros não era meu lugar. Eles nem sabiam fazer um acarajé decente. Sentia falta da minha terrinha, da minha família e amigos.

Voltei ao velho João Duque, agora no 2º ano. Quase fui separado da minha antiga turma, pois em Minas cursei Formação Geral e aqui queria passar para o curso Normal, o antigo Magistério. Conversei, negocieei, e acabei ficando. Mas tive que fazer reposição, pois no Normal a carga horária era diferente e havia matérias que no outro curso não eram oferecidas. Naquele ano estudei praticamente os três turnos: estudava pela manhã e a tarde. A noite “pagava” disciplinas que não tinha estudado no ano anterior.

Foi no 2º ano que tive minha primeira experiência em sala de aula. Como se tratava de um curso profissionalizante o período de observações e estágio seria inevitável. E foi nesse período que paguei o mico do ano. Começamos a fazer recreações todas às sextas-feiras em todas as escolas da cidade, incluindo a creche e a APAE, onde foi o mais marcante e onde fomos bem recebidos. Eu e meu grupo ficamos responsáveis pelas danças infantis. Selecionamos músicas da Xuxa. Fui forçado a me vestir de Tchutchucão, aquele cachorrão laranja da Xuxa.

Ainda no 2º ano, a escola realizou o projeto “Tecendo a leitura e a escrita”, onde cada turma era responsável de apresentar a história, costumes e cultura de outros países. Minha turma ficou com a Alemanha. Deu um pouco de dor de cabeça, mas foi bem proveitoso. Conhecemos a história do muro de Berlin, a culinária, a cultura, tradições etc.

Minha turma tinha uma rivalidade com a turma do 2º B, a maioria era da zona rural, e os considerávamos inferiores. Mas no 3º ano acabamos todos na mesma sala. Mesmo dividindo o mesmo espaço, de início sentamos separados deles. Os da cidade na frente e os da “roça” no fundão. Mas isso não durou muito, pois logo descobrimos o quanto éramos ridículos e preconceituosos e o quanto eles eram incríveis.

Durante o 3º ano, algo que prejudicou muito a turma, foi a falta e a troca frequente de professor. Ficamos até o mês de novembro sem professor de Matemática, e já era época de tentarmos o ENEM. Que bagagem teríamos para isso? Eu mesmo preferi não arriscar.

Ano de 2006, 4º ano, último ano do ensino médio. Estávamos no topo. Éramos populares. Um ano muito corrido. Estagiei numa turma de 3ª série, minha primeira experiência como educador. Tive que assumir aquela turma. Aqueles alunos dependiam de mim e acho que me saí muito bem. Tenho boas recordações daquela fase.

Aquele ano foi marcante. Perdi uma grande amiga, a Graciela. Uma pessoa iluminada. Mais que uma simples colega de sala, era uma amiga. Até hoje sinto a dor de sua ausência. Foi difícil continuar sem ela. Nesse momento, uma professora que nos apoiou, nos deu o ombro amigo, foi Marileide, nossa professora de Metodologia da Língua Portuguesa. Devo ressaltar que é uma grande professora.

Chegou o dia da formatura. De início não quis participar, por achar chato, cansativo e o baile muito brega. O que é aquela valsa? Mas acabei sendo convencido pelos meus amigos. Até que foi legal, mas se eu pudesse voltar no tempo, teria desistido de participar. Sabe quando você percebe que aquilo não é nada do que você imaginava e queria dado um destino melhor pro dinheiro gasto.

Em 2007, já estava formado. Mas perdido. Não tinha nada pra fazer, não sabia para onde ir. Até que resolvi voltar para escola. Dessa vez, fui para o Educandário São José, hoje o Polo Educacional Dona Carmen, onde voltei a cursar o 2º ano. Até que foi bem proveitoso. Aprendi coisas que não tinha visto anteriormente, e tive a honra de ser aluno de Vanessa, ótima professora de Matemática. Mas não fiquei até o fim do ano, pois logo fui aprovado para cursar Pedagogia. Além de ter feito o ENEM e ter conseguido uma bolsa pelo ProUni para cursar Administração em Barreiras aqui mesmo na Bahia e ter sido aprovado em Biologia pela FTC.

SOU EU NA UNB

Em 2007 fui informado que teria vestibular para os cursos Pedagogia e Letras, ambos oferecidos pela UAB/UnB. Iria me inscrever para Letras, mas no último momento decidi por Pedagogia. E sem fazer cursinho nem nada acabei passando.

Pedagogia nunca esteve em meus planos, e na mesma época consegui ser aprovado em Biologia com bolsa pelo ProUni, mas acabei optando por Pedagogia. O que mais influenciou a minha escolha, foi o fato de que a UnB é uma universidade de “peso” e ver nos olhos dos meus avós e minha mãe o orgulho e a satisfação de ter sido aprovado.

Chegou o dia da aula inaugural. O nervosismo estava tomando conta de mim. Sem falar no medo que me fazia tremer. A acolhida me fez ficar mais a vontade. E foi nesse momento que conhecemos os professores Álvaro e Tadeu, e, diga-se de passagem, excelentes professores. E foi nesse encontro que conhecemos nossas duas tutoras, Edilene e Maria de Lourdes.

Logo que as aulas começaram, me senti um peixe fora d’água. Olhava para os colegas, para os conteúdos e me perguntava: “O que estou fazendo aqui?”. Por não ter o hábito de ler muito, a realização das atividades se tornava muito difícil. A vontade de desistir surgia toda vez que me deparava com uma dificuldade. Graças a Deus fiquei em uma turma em que um apoia o outro. Sempre encontrei pessoas que apareceram na hora certa com as palavras certas.

A turma de Pedagogia se tornou uma família, onde o apoio, a solidariedade, a amizade se fazem presentes a todo o momento. Mas logo veio a primeira decepção. Edilene uma de nossas maravilhosas tutoras foi substituída. Mas seus exemplos e ensinamento nos acompanham até hoje. Recebemos outra tutora maravilhosa, a Crésia. Não durou muito e ela nos deixou para ser tutora da outra turma de Pedagogia.

Ao longo do tempo fui me apegando ao curso. Ainda não estou apaixonado, mas estou apegado. E durante o percurso surgiram mestres que nos deram grandes lições. Quem não se lembra da professora Rosângela, que fez metade da turma

chorar devido às suas broncas e cobranças, que de fato estávamos precisando para nos fazer lembrar que não éramos mais alunos do ensino médio. Éramos universitários.

Grandes professores vão ser sempre lembrados, como a Ana Polônia. Que professora é essa? Incrível! Inesquecível! A encantadora Cília, uma excelente tutora. Não posso esquecer-me de Agilson Carlos, Claudio Amorim (afinal foi na disciplina dele que consegui meu primeiro SS); Elisete Rodrigues, Cleonice Bittencourt, Ana Cristina (afinal foi ela que me fez entender o que é capitalismo); Sônia Pacheco e Alfredo Lacerda. São professores exigentes, que cobram. Mas são esses que me fez melhorar ainda mais.

Houve também disciplinas marcantes. Como Psicodrama, Arte, História, Identidade e Cidadania e Gestão Educacional. E umas que nem gosto de lembrar como Antropologia, Didática e Psicologia da Educação.

Hoje, Maria de Lourdes não é mais tutora presencial da minha turma. Ela agora é Coordenadora do Polo Dona Carmen. Darlene assumiu o seu lugar. No início não queríamos aceitar, mas ela conseguiu nos conquistar. Sem falar de Leia Cássia, tutora de estágio.

Em 2008 a professora Rosângela, juntamente com os responsáveis pelo Polo Dona Carmen, realizou o “Primeiro Seminário de Educação Ambiental” que contou com a presença das autoridades da cidade, alunos de Pedagogia e Letras da UAB/UnB, Geografia, História e Matemática da rede UNEB. Foi um momento rico de conscientização e renovação de valores. Fizemos uma caminhada ambiental partindo do cais da cidade até o pontal, andando pelas margens do rio São Francisco. Durante a caminhada foram recolhidos lixos que foram espalhados pela praça. Um momento cômico dessa caminhada aconteceu quando eu atolei na lama. Nossa, que mico!

No ano seguinte, a nova turma de Pedagogia ficou responsável pela organização do “Segundo Seminário de Educação Ambiental”. Mas fizemos uma participação nesse evento. Meu grupo ficou responsável por apresentar uma peça teatral tratando da alimentação saudável. Fizemos uma versão da história dos “Três

Porquinhos”. Eu fui o lobo mal, adicionando mais um mico ao meu currículo, mas confesso que adorei. As pessoas deram muitas risadas.

Não posso deixar de contar sobre as maravilhosas viagens à Brasília. A primeira foi em setembro de 2009, quando conhecemos a UnB. E foi incrível. Um momento marcante em nossas vidas. Tivemos a oportunidade de conhecer os diretores e o reitor da universidade. A segunda aconteceu em outubro de 2011 quando recebemos o convite para participar da Semana Universitária, em comemoração aos 90 anos de Paulo Freire. Participamos de palestras, conferências e encontros com nossos professores. Nem preciso dizer o quanto esse evento contribuiu para nossa formação profissional e pessoal.

A oportunidade de cursar Pedagogia, pela UnB, favoreceu no meu crescimento. Todos os conceitos vistos e compreendidos, me fez acreditar mais ainda que a educação é fundamental para haja de fato mudanças sociais. Para que possamos construir uma sociedade igualitária.

“Diga adeus sem saber quando. A verdade em minha vida inteira começou. Diga adeus sem saber chorar você me ensinou isso. E eu me lembrarei da força que você me deu, agora que eu estou por conta própria. Eu me lembrarei do jeito que você me salvou... Eu me lembrarei”. (I'll Remember – Glee)

TRUP'EDANA

Nunca escondi de ninguém a vontade que tenho em fazer Teatro. Tem momentos em que eu brinco com meus colegas dizendo que em breve vou bilhar e arrasar na rede Globo.

Em 2005, Cícero Porto um dos grandes artistas da cidade, tinha acabado de voltar para a cidade depois de passar um tempo em São Paulo, resolveu passar tudo que sabia sobre Teatro. Montou uma oficina de teatro da qual fiz parte. Contou com a participação de muitos jovens da cidade.

Com o tempo e com a saída de algumas pessoas, o nosso diretor decidiu formar o grupo de teatro da cidade. E recebeu o nome de Trup'EDANA que significa Escola de Atores Novas Artes. Infelizmente o grupo não tinha o apoio da prefeitura, nem tínhamos um lugar fixo para os ensaios. Houve dias em que ensaiamos em quintais ou mesmo na praça da cidade, até conseguirmos emprestado o salão catequético que ficava sobre a responsabilidade dos padres.

Durante a existência do grupo, realizamos muitas apresentações não só na cidade como também na região. E dentre as apresentações realizadas duas foram marcantes. A primeira foi o “Encontro das Três Raças”, em que mostramos a cultura negra, indígena e nordestina e o espetáculo “Eita Povo Arretado”, que retratava o cotidiano de uma família do interior, onde interpretei um padre esganado. Nosso último trabalho aconteceu em 2009 com a peça “Cê Ta Crazy Vey”.

Infelizmente o grupo acabou. Os membros foram saindo pouco a pouco e nosso diretor e amigo Cícero Porto mudou-se para São Paulo. Tudo o que sei agradeço ao mestre e amigo Cícero. Não posso deixar de mencionar que estou entre os 5 melhores atores da cidade e entre os 10 da região, segundo uma pesquisa feita pela *internet*.

“Não tenho que provar nada para ninguém. Só preciso seguir o meu coração, e concentrar no que quero dizer para o mundo. Eu comando o meu mundo.”

(Beyoncé Knowles).

CARREIRA PROFISSIONAL

Comecei a lecionar em 2008, como substituto na Escola Municipalizada Alice Sales. Devido ao meu trabalho acabei permanecendo na escola até o final do ano letivo.

Em 2009 recebi um contrato pelo município para trabalhar na Vila São João, ou conhecido popularmente como Feirinha do Entroncamento. Permaneci ali durante um ano. Trabalhei com turmas do 6º ao 9º ano, com as disciplinas Filosofia, Português e Educação Tecnológica. Foi difícil, era uma realidade totalmente diferente da que já tinha vivido. Errei em alguns pontos, mas aprendi com os alunos. Nesse mesmo ano fui selecionado pela UnB, juntamente com outros colegas, para ser monitor no Polo Dona Carmen. Minhas atividades consistiam em dar orientação aos novos alunos para que eles desenvolvessem as atividades. Fui monitor durante três semestres. Fiquei com as disciplinas Teorias da Educação e Organização da Educação Brasileira.

No ano seguinte fui transferido para Barra do Parateca, uma comunidade quilombola remanescente, para trabalhar na Escola Municipal Francisco Pinto. Nesse mesmo ano consegui contrato para trabalhar no ensino médio. Na comunidade tem extensão do Colégio Estadual Coronel João Duque, que é a oportunidade dos jovens da comunidade cursarem o curso médio, sem precisar se deslocarem para Carinhanha.

Continuo trabalhando em Barra do Parateca somente com o ensino médio. Também atuo como coordenador das turmas do Programa TOPA (Todos Pela Alfabetização) da comunidade. Coordenação é novidade para mim, pois nunca havia trabalhado com algo parecido; mas estou gostando desse desafio.

O ano de 2012 começou bem. Eu e outros 20 alunos da UnB, fomos selecionados, depois de um processo seletivo, para sermos pesquisadores do Programa de Mapeamento Cultural de Carinhanha, que teve o objetivo de registrar a cultura de Carinhanha, como forma de valorização e resgate, afinal é nossa cultura. Vejo essa oportunidade como um “treino” para a criação da monografia. Não é fácil, mas é gratificante e também uma ótima forma de conhecermos a história da nossa cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensei que não conseguiria contar minha história, mas consegui. Isso prova que posso conquistar meus objetivos. Basta querer. Sou assim. Criança na maioria das vezes, mas sério quando necessário. O que eu penso, eu falo. Sou o que sou, e ninguém vai mudar. A vida é assim.

A batalha para conseguir chegar onde quero será dura... Mas ainda terei uma estatueta do Oscar na estante da minha casa (isso que é sonhar alto), mas se Rodrigo Santoro chegou lá, por que eu não consigo?

“Chega de esperar pra ver um novo dia nascer. Bom te reencontrar... Eu faria tudo outra vez. Mas não desisto, sigo pra ser quem eu sou não há sensação igual... Eu faria tudo outra vez”. (Tudo outra vez - Rouge)

TRABALHO MONOGRÁFICO

*“Ele foi sempre um garoto tão legal
O mais quieto
Com boas intenções
Ele era humilde para seu irmão
Respeitoso para sua mãe
Um bom garoto
Mas bondade não chama atenção
Um garoto com uma promessa
O garoto mais brilhante da escola
Ele não é um tolo
Lendo livros sobre ciência e coisas inteligentes
Não é suficiente não
Porque inteligência não deixa você legal.
Ele não é mais invisível
Com a 9 de seu pai e sem consciência
Desde que ele passou por aquela porta da sala de aula
Ele está em todos os noticiários mais importantes”. (Stole – Kelly Rowland)*

INTRODUÇÃO

O crescimento crescente do fenômeno bullying se tornou um caso de utilidade pública. Este fato, por sua recorrência principalmente nas escolas, tem se tornado objeto de muitas pesquisas na educação. O bullying em suas várias formas (agressão, humilhação, intimidação, discriminação, assédios) tem feito vítimas nos últimos anos deixando cicatrizes de uma violência gratuita e injusta, marcando seriamente a vida social e pessoal de muitas crianças e adolescentes. Esse tipo de violência que ocorre dentro de muitas instituições acontece de forma natural. Um jovem com um porte físico favorável, ou com uma boa posição social usa isso a seu favor, tirando vantagem com os menores para conquistar o posto de chefão da turma ou o de líder da escola. O que surpreende mais do que a ação do próprio o bullying é o despreparo que muitas instituições (nesse caso professores, direção, pais) possuem, não reconhecem o quão prejudicial é o bullying. E é algo que esta constantemente e significativamente evolução. Estudar o bullying é conhecer todo o histórico não só do agressor como também da vítima que muitas vezes se permitiu a viver nessa situação (talvez por medo). O bullying traz reações nefastas para suas vítimas, sérios problemas que o impede de se relacionar com outras pessoas, e até mesmo acarretando o aumento da baixa autoestima, a saúde física e mental.

Nota-se que cada vez mais os alunos demonstram comportamentos e atitudes agressivos, ferindo tanto a integridade física, quanto psicológica de colegas e professores. Por esse motivo, faz-se necessária uma investigação contextualizada das causas dessa violência, bem como, as possíveis alternativas para compreender e modificar essa situação.

Acredita-se ainda que as contribuições oferecidas com esse tipo de pesquisa são importantes para a escola e para a aprendizagem em razão do crescente número de queixas por parte dos educadores quanto à mudança brusca de comportamento da comunidade estudantil e do aumento das reclamações de violência nas escolas. Infelizmente observa-se que a violência escolar é um problema cada vez mais presente no cotidiano. Por essa razão é necessário que se amplie as pesquisas, discussões e reflexões nessa área de estudo a fim de que se possa encontrar as possíveis causas do problema e desenvolver ações que tenham como objetivo maior o de resguardar a integridade física e mental de nossas

crianças bem como a dos jovens e garantir que o ambiente escolar se constitua de um espaço mais harmonioso, possibilitando melhores condições de desenvolver a complexidade dos processos de ensino e aprendizagem.

Qual é a perspectiva do adolescente em relação ao bullying e ao impacto desta violência na sua afetividade, no seu corpo, nas relações sociais e no processo de ensino-aprendizagem?

Objetivo geral

Analisar a perspectiva dos alunos em relação ao bullying, o impacto deste fenômeno na sua aprendizagem, na sua afetividade e nas relações sociais.

Objetivos específicos:

- ✓ Contextualizar o bullying na escola e os principais fatores que impactam na sua reprodução segundo os alunos participantes da pesquisa;
- ✓ Identificar as diferentes concepções de bullying e suas relações com conceitos teóricos de justiça e moralidade;
- ✓ Categorizar as concepções de bullying às categorias utilizadas por Piaget em relação à justiça e moralidade e autonomia;

CAPÍTULO. I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Conceituação de bullying e violência escolar

Violência, 1º lugar nas paradas. Nos noticiários é o que mais se fala. Um assunto que acaba roubando a cena, tendo toda a atenção social para si. Violência tem raiz do latim “*vis*” que significa “força”. Alguns autores consideram a palavra violência “complexa e polissêmica”, apresentando vários sentidos. Velho (1996) define a violência como "o uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra outros." Ele reforça a ideia de que a "violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza." Além desse conceito, a violência pode ser traduzida por vários sinônimos tais como: abuso, maus-tratos, agressão, castigo, disciplina e outros.

A violência tem sido recorrente nas relações humanas, sendo um problema que afeta a vida de muitas pessoas e que impactou na forma como a sociedade se organizou, especialmente nosso sistema de justiça penal e nas mais variadas instituições disciplinadoras e punitivas. Ao longo dos anos esse problema acabou fazendo parte do dia-a-dia da maioria das escolas. A violência hoje está estampada em grande parte das escolas, por isso, como enfatiza Vera Telles (1996) é mais fácil se falar de violências no plural, ou seja, a violência urbana, a policial, a familiar e a escolar. De certa forma cada umas dessas manifestações de violência estão interligadas, e o foco principal dessa pesquisa se volta a violência escolar, que é vista hoje como uma questão de utilidade pública.

Segundo Arrieta, Grolli e Polenz (2000, p.104) existem vários estudos que explicam o sentido de “violência” e devemos saber diferenciar violência de agressividade.

Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...). Exerce violência quem tortura, fere ou mata; quem não obstante a resistência,

imobiliza ou manipula o corpo do outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação (...). A violência pode ser direta ou indireta.

Já a agressividade humana pode ser compreendida como "(...) capacidade ou potencialidade de alguém provocar malefícios, ofensas prejuízos ou destruições, materiais ou morais, a outra pessoa ou a si mesmo (...)" (ABREU, 1998, p. 133).

Como a violência é algo que vem crescendo ao longo dos anos, acredita-se que a educação seja uma ferramenta de mudança. Nesse processo de transformação social, certos fatos não devem ser ignorados. O que fazer quando atos violentos virão rotina nas escolas? De que maneira a escola pode trabalhar essa questão?

Para Vera Candau (1995) é importante que "a escola seja um espaço onde se formam as crianças e os jovens para serem construtores ativos da sociedade na qual vivem e exercem sua cidadania", dando destaque para a vida cotidiana. O que vemos hoje no interior de muitas escolas são as "falsas brincadeiras", que servem para esconder sentimentos como intolerância, preconceito, maldade e ignorância (SILVA, 2010, p.13). A autora ainda ressalta que

brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento. Nessa situação específica, utiliza-se o termo bullying escolar que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos.

Focalizando o tema na realidade de muitas escolas, damos destaque ao *Bullying*, um tema que ultimamente tem sido debatido com certa ênfase e que pode ser caracterizado como violência verbal, violência visual e violência física, ocorridos dentro do espaço escolar. Almeida define o conceito de bullying como: "abusar dos colegas", "vitimizar", "intimidar" e "violência na escola" (ALMEIDA, 1999, p. 178). Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania,

opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Encontramos em Ana Beatriz Silva a seguinte definição de Bullying:

A expressão bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

Com frequência nos deparamos sempre com notícias de brigas entre alunos, e são muitos os fatores que levam o aluno a apresentar um comportamento agressivo. Alguns jovens utilizam da violência para “descarregar” os seus problemas, buscando manter uma imagem forte e autoritária perante outros jovens. Há outros fatores que nos levam as explicações dos comportamentos dos alunos. A ausência dos pais na escola pode ser outro fator que pode contribuir na violência escolar, onde sabemos que existe a influência do contexto sócio-político-econômico da globalização.

Hoje é notável a preocupação dos pais e dos educadores em relação à segurança dentro do ambiente escolar. Mas só preocupação não basta. Precisa de ação. Lutar para a melhoria desse quadro que se agrava a cada dia.

São muitos os fatores que levam as crianças, jovens e os próprios educadores a cometerem certos atos de violência. Diante disso, fica notável o papel da educação na reversão desse quadro, que mostra inúmeros casos de violência protagonizados por alunos e professores. E com a perspectiva de se conseguir mudanças, apostamos nossas fichas na educação como transformação social.

1.2 Os protagonistas do bullying escolar

As ações do bullying são como uma cena de um filme, pois possui as personagens, a ação e o enredo, e que despertam sentimentos como terror, compaixão e empatia. A partir disso, Silva (2010, p.37) ressalta que “felizmente, o

bullying pode ser identificado, combatido e enfrentado por todos que heroicamente lutam para mudar o rumo dessa história. Para isso, precisamos distinguir e classificar os protagonistas dessa dramática realidade”. Os protagonistas do bullying são classificados como: vítimas, agressor e expectador.

Iniciando a classificação dos personagens centrais do bullying, destacaremos inicialmente as vítimas que são divididas em *vítima típica*, *vítima provocadora* e *vítima agressora*. Quem são as vítimas típicas? Simples de serem localizadas. Aquele aluno tímido, de aparência frágil e inofensiva, que apresentam características físicas como ser baixo, magro, gordo, negro, possuem alguma deficiência física ou por serem afeminados. “As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização” (SILVA, 2010, p. 37). Essas são as vítimas típicas, os alvos certos para piadinhas de mau gosto, as provocações, intimidações.

São frequentes os casos de vítimas típicas, crianças que se isolam, com mania de perseguição, medo constante de frequentar a escola. É comum ouvir dentro das escolas expressões como “viadinho”, “balofa”, “tampinha”, “baleia”, e devido a isso acabam se tornando inseguras, se encontram em um estágio de fragilidade.

As vítimas provocadoras na maioria das vezes chamam a atenção dos agressores pelo seu comportamento. Silva (2010, p.40) classifica como “aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas. No entanto, não conseguem responder aos revides de forma satisfatória. Elas, em geral, discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas”.

Um exemplo desta situação ocorre quando em uma turma há um aluno com hiperatividade. Sua inquietação chama a atenção dos agressores que criam situações onde a vítima se torna uma peça do joguinho. A vítima é provocada a fazer algo e acaba levando com ele toda a culpa pelo acontecido, enquanto os verdadeiros responsáveis se deleitam do momento.

Por último temos a vítima agressora. Nesse caso a vítima ela se livra de toda sua revolta, reproduzindo a violência, praticando o bullying com outra pessoa. Segue a linha de “bateu, levou”, mas nesse caso responsabiliza alguém que não tem

relação com a violência que sofreu e que muitas vezes não sabe qual foi a agressão que tenha sofrido. O que acaba se tornando um círculo vicioso, que faz com que o bullying se torne uma espécie de epidemia, recaindo sob o mais fraco a violência de uma pessoa marcada pelo bullying.

O autor também categoriza e tipifica os agressores, que podem ser de ambos os sexos e

que possuem, em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico (SILVA, 2010, p. 43).

Segundo o autor, os agressores agem sozinhos ou em grupo. E quando estão com seus seguidores a força é dobrada pela legitimidade que conseguem dentro do grupo. Além disso, há uma pressão para reafirmar seu lugar, afinal ele tem um nome e uma reputação a zelar. Segundo Silva (2010, p. 43) esses agressores

apresentam desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado.

De acordo com Silva (2010), grande parte desses jovens possui um rendimento escolar regular ou deficitário, mas não por terem algum problema que dificulte o processo de aprendizagem, mas por eles mesmos não demonstrarem intenção de aprender, ou seja, vão para a escola simplesmente por ir. Sabem da importância da educação, mas não valorizam. A violência pode tomar proporções maiores se for ignorada, hoje uma violência simbólica, uma injúria, se ignorada pelo grupo social mais importante do aluno pode justificar futuramente agressões físicas e violências mais contundentes.

Vamos falar agora dos alunos que presenciam as cenas de bullying, que são chamados de expectadores. Segundo Silva, estes jovens enquanto assistem a uma situação de agressão não tomam partido, não oferecem à ajuda a vítima e nem dão apoio ao agressor. Silva (2010) divide os expectadores em três grupos distintos: *expectadores passivos*, *expectadores ativos* e *expectadores neutros*.

O expectador passivo é chamado assim por assistir tudo passivamente. Não por ele concordar com aquilo, mas pelo medo de se envolver e acabar se tornando a próxima vítima. Quando presenciam uma ação de violência acabam recebendo alertas do tipo “se abrir a boca, te pego lá fora”. Dessa forma se vêem incapacitados de ajudar a vítima.

Já os expectadores ativos não se envolvem diretamente com a ação, eles não ajudam na agressão, mas contribuem dando força, dando apoio moral aos agressores, com suas risadas e palavras de incentivo. Sem esquecer os expectadores que armam toda a situação, escolhe a vítima, entrega ao agressor e depois assistem tudo sem se exporem.

É importante ressaltar que misturados aos espectadores podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente “camuflados” de bons moços. Eles tramaram tudo e, agora, estão apenas observando e se divertindo ao verem o circo pegar fogo (SILVA, 2010, p. 46).

Finalizando temos o espectador neutro, que

podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos (SILVA, 2010, p. 46).

Esses por sua vez assistem, sem se sentirem tocados com o que estão presenciando. A omissão se torna uma forma de ação imoral e/ou criminosa. Salientando também que a “omissão só faz alimentara impunidade e contribui para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de bullying” (SILVA, 2010, p. 46).

Após tipificar as possíveis vítimas, agressores e expectadores, Silva (2010) também descreve o comportamento dos jovens que estão já sofrendo bullying na escola. Quem são as vítimas? Aquela criança que se isola durante o recreio ou que permanece calada, retraída durante a aula. Frequente falta às aulas, numa tentativa de evitar as humilhações, agressões físicas e psicológicas. Em casa apresenta mudança constante de humor, reclamando de dores de cabeça e no estômago. Cria situações com o intuito de faltar às aulas. Geralmente este bullying começa com o agressor, o engraçadinho da turma, o autor de diversas brincadeiras de mau gosto, colocando apelidos pejorativos nos colegas. Gostam de perturbar, de incomodar. Já os espectadores não possuem uma característica marcante. Mas eles estão ali. Basta procurá-los, com uma observação minuciosa.

Os pais e professores devem ficar atentos aos sinais. Sinais esses vindos das ações comportamentais das crianças e adolescentes. Para que assim possa ser feito o reconhecimento desses comportamentos, que acaba contribuindo para o bom andamento do processo de intervenção do bullying nas escolas.

1.3 Cultura escolar e bullying

É triste reconhecer, mas infelizmente o bullying hoje faz parte do cotidiano escolar de muitos alunos. E em muitas escolas se tornou parte da cultura da instituição, fazendo do bullying um fenômeno social e cultural da comunidade escolar. Uma cultura de mau gosto. A cultura escolar esta ligada à filosofia da escola, que nos dias atuais está permeada por situações de violência que se resumem em brigas, gozações, apelidos, intimidação. O que professores e gestores devem fazer é buscar formas de mudar essa filosofia de vida adotada pelos alunos e muitas vezes reproduzida a partir de comportamentos de violência banalizados na escola.

Grande parte das instituições não vem tratando o bullying com seriedade, ou culpabilizam apenas o agressor ou isolam a vítima. Não percebem ou fingem não perceber a gravidade dessa problemática que esta estampada nos corredores e nas salas de aula. Para que haja mudança é preciso que a escola resgate os valores, os ideais propostos em sua prática pedagógica e construa com as crianças e os adolescentes um ambiente de respeito mútuo. Para tal ação é preciso que a escola reconheça o bullying como uma forma de violência. Ou seja, o bullying precisa ser visto como um problema social complexo e de responsabilidade de todos. “A escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados” (SILVA, 2010, p. 161).

Sabemos que, para que haja o resgate dos valores perdidos, é preciso que todos os segmentos trabalhem com a escola, como ressalta Silva (2010)

É necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços.

Para que o bullying seja banido das escolas é preciso um trabalho em conjunto. Os pais não podem deixar a situação sob a responsabilidade somente da escola e nem a escola achar que é seu problema enquanto estiver dentro do espaço escolar. A escola tem sua responsabilidade nas questões sociais, assim como a família e a comunidade tem com as questões educacionais.

Como primeiro passo para a construção de uma nova cultura escolar Silva (2010) destaca que

Para começar a virar esse jogo, as escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus

estudantes. Bullying é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências.

O reconhecimento, a aceitação do bullying como um problema grave deve ser o primeiro passo para enfrentar esta situação, portanto, é importante detectar essas ações, os atos, que muitas vezes vem camuflada em brincadeiras do intervalo.

Outro ponto tocado pela autora é capacitação dos profissionais. Os professores devem ser devidamente preparados para quando se depararem com esse tipo de situação possam agir firmemente no sentido de construir novas práticas cotidianas de relacionamento interpessoal. Proibir simplesmente ou punir os agressores não resolve o problema, percebe-se que atitudes positivas e reparadoras podem ser uma saída para o enfrentamento destas situações em sala de aula e no ambiente escolar como um todo. “As escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências” (SILVA, 2010, p. 162).

A autora destaca na terceira etapa que

as instituições de ensino têm o dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade (e seu entorno), para que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação. Para tanto, é preciso também contar com a colaboração de consultores externos, especializados no tema e habituados a lidar com a questão. Entre eles, incluem-se profissionais de diversas áreas, como pediatras, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais.

Os resultados surgirão em longo prazo, pois este processo depende de uma aprendizagem de toda comunidade, de construir regras coletivas que façam sentido para todos, não é um problema que será solucionado da noite para o dia, mas o

somatório de forças é capaz de multiplicar a eficácia e a rapidez das medidas tomadas contra o problema (SILVA, 2010).

No processo de construção de uma nova cultura escolar, ou uma cultura de paz, os alunos não só podem como devem se envolver com o assunto, afinal é parte mais afetada e a razão da criação de projetos de ação.

Ao tentar construir uma cultura de paz nas escolas frisando mais uma vez a colaboração da família nesse processo percebemos que nos tempos atuais os pais estão cada vez mais distantes dos filhos. “Os pais estão cada vez mais absorvidos pelas atividades profissionais com o nítido objetivo de gerar recursos materiais que possam financiar o conforto e os estudos de seus filhos” (SILVA, 2010, p. 171). Ao mesmo tempo em que buscam conforto e melhorias para a vida de seus filhos, isso acaba criando uma barreira que impede um contato maior com seus filhos, esquecendo-se de se envolver, acompanhar de perto a vida escolar de seus filhos.

São várias as formas de mediar e restaurar a paz na escola, solucionando conflitos entre os alunos. “Vários são os tipos de reuniões restaurativas existentes, entre outros: os diálogos restaurativos (negociações), as mediações, os círculos restaurativos e as conferências familiares” (NUNES, 2011, p. 81). O autor em sua obra caracteriza a mediação e os círculos restaurativos “Por entender que, além das demais práticas restaurativas informais abordadas, são opções adequadas e suficientes para a solução pacífica dos conflitos escolares”.

Nunes (2011) diz que

A mediação é uma reunião entre mediador e as partes envolvidas visando ao restabelecimento do diálogo entre as partes, buscando a construção de soluções a partir das necessidades dos envolvidos. Não há a participação de terceiros nessa reunião restaurativa simplificada. O mediador pode ser qualquer pessoa e até mesmo um estudante (ou vários estudantes).

Já o Círculo Restaurativo é “uma reunião com as partes conflitantes, contando com a participação do facilitador e de outras pessoas da escola, da família

ou da comunidade. Conforme veremos, o encontro possui uma sequência integrada de fase: o pré-círculo, o círculo e o pós-círculo” (NUNES, 2011, p. 81).

Durante as Reuniões restaurativas que tem como objetivo resgatar valores essenciais para uma boa convivência e conseqüentemente a construção de uma nova cultura vale ressaltar alguns desses valores citados por Nunes (2011, p. 84) como “participação”, “respeito”, “pertencimento”, “responsabilidade”, “honestidade”, “humildade”, “interconexão”, “empoderamento” e “solidariedade”.

Assim, percebe-se que, embora o bullying seja uma prática constante nas escolas é possível sim mudar a realidade na qual convivem nossos alunos. É necessário conhecer suas realidades, ouvi-los e construir com eles as regras válidas para uma convivência pacífica e promotora de aprendizagens.

1.4. Conceitos desenvolvidos por Piaget acerca de moralidade e justiça em crianças e adolescentes

Piaget defende que para manter o equilíbrio de um grupo seria necessário o desenvolvimento do respeito entre os indivíduos. Por isso, ele escreve uma obra voltada para a relação entre o desenvolvimento da moral e a educação. Piaget (1994, p. 23), expõe em sua obra que “a moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”.

Piaget (1994, p. 23), assegura que “as regras morais que a criança aprende a respeitar, são transmitidas pela maioria dos adultos, isso significa que a elas já chegam elaboradas, porém não na medida de suas necessidades e interesses, mas de uma única vez através da sucessão ininterruptas das gerações adultas anteriores”. É claramente visto que Piaget enfatiza que a moralidade não é um valor essencial ao ser humano que nasce com ele mesmo.

No início acontece na forma de coação, quando os adultos exercem autoridade e punem atitudes inaceitáveis socialmente, posteriormente, a criança passa a respeitar as regras que ela mesma compreendendo como corretas, ou seja, é necessário discutir e problematizar as questões para que as regras sejam

compreendidas e então o indivíduo sinte-se pertencente àquele grupo e respeite seu conjunto de normas. (1994, p. 26). Esta ideia de Piaget nos leva a compreender porque o bullying deve ser compreendido em toda sua complexidade e contextualizado no espaço escolar e nos casos de violência e conflito na sociedade para que os jovens construam as regras que atendem às suas necessidades e demandas.

Piaget defende ainda que o princípio da reciprocidade é que dá o sentido moral das normas. Ou seja, o que você me faz é aquilo que vai receber em troca. A moralidade, assim, ganha centralidade neste debate, por compreender que tem cunho ético e as decisões são divididas entre certas e erradas, boas e ruins. O tema da moralidade foi, durante muito tempo tema da filosofia, posteriormente a psicologia desenvolveu vários estudos na área. Outras disciplinas se ocuparam desse tema, mas na escola, nenhum outro conseguiu tanta visibilidade quanto do bullying. A mídia aborda o bullying com o viés da moral do indivíduo.

Piaget também diferencia responsabilidade objetiva e subjetiva. Na responsabilidade objetiva o indivíduo julga os atos dele e dos outros pelas consequências e não pela intenção do indivíduo. Assim, “[...] a criança não dissocia o elemento de responsabilidade civil, por assim dizer, e o elemento penal.” (Piaget, 1932/1994, p.106). A criança compreende a existência das regras, mas ela ‘cola’ as regras ao acontecimento, não ao princípio. Não há uma introjeção de uma regra geral, mas a exemplificação em casos isolados que são avaliados por suas consequências.

Na responsabilidade subjetiva a criança começa a perceber a importância da intencionalidade do ato no julgamento moral. Nasce assim o sentimento de dever, do sentimento de cooperação. Assim, “[...] a veracidade é necessária à reciprocidade e ao acordo mútuo” (Piaget, 1994 p. 136). Cooperar com o grupo é, portanto, uma fase importante do desenvolvimento, que depende de estímulo para que aconteça. Se a sociedade não desenvolve nas suas jovens gerações a capacidade de cooperar, em outras palavras, de sentir o dever para com os outros, ela estará desenvolvendo processos de aprendizagem somente na colagem de regras a situações específicas, sem a compreensão dos princípios das regras e das normas.

Piaget (1994) destaca ainda que quando a regra é imposta é mais difícil de ser seguida, mas quando intervém como condição de cooperação, isto é, quando as crianças a praticam entre si, não somente é melhor compreendida, como também mais facilmente aplicada.

Também quanto à noção de justiça, Piaget percebeu três noções diferentes. A primeira chamada imanente, quando a criança acredita nas normas dos adultos como algo sagrado e imutável. A segunda chamada redistributiva, quando a criança liga a justiça à sanção, a punição daquele que não respeitou a regra. E a terceira que é chamada de distributiva, quando a criança compreende e enfatiza a necessidade de repor a perda ocasionada ao ofendido ou prejudicada pela ação cometida. Ou seja, neste último caso, ela leva em consideração as intenções e condições, e não somente as consequências a serem sancionadas pelo ato do agressor.

Assim, finalmente, Piaget diferencia as duas moralidades na criança: a heterônoma e a autônoma. Na heterônoma a criança obedece às regras impostas pelos adultos (muitos adultos gostariam que assim permanecesse por muito tempo pois parece que não lidam bem com a autonomia dos jovens). Ou seja, um dos sujeitos impõe uma regra e pelo desejo de agradar e de ser aceito, a criança obedece. Desta forma, ela espera ser recompensada afetivamente, ser explicitamente incluída no grupo. A assimilação das regras no formato heterônimo é apenas em situações específicas. A criança sabe que não deve fazer determinadas coisas, mas ela não sabe o porquê. As recompensas afetivas ajudam a lembrar de que atitudes são reconhecidas como boas e que atitudes são reconhecidas como más.

Com o decorrer do tempo, esta abordagem vai sendo substituída por uma moralidade mais autônoma. É uma tomada de consciência sobre a necessidade de se ter regras e respeitá-las. A criança passa a compreender que deve seguir uma regra para que em princípio, todos sejam respeitados e possam viver bem. As crianças, portanto, são capazes de discutir as regras que deverão ser seguidas e se percebem como parte de um grupo no qual a obediência às regras não faz sentido por sua imutabilidade, mas pela necessidade de convivência e respeito no grupo. A execução da justiça, portanto, deixa de estar centrada na autoridade da regra. O

mais importante será corrigir a falta aos prejudicados, e o culpado deve pagar pelo seu erro na medida em que intencionou prejudicar e referente ao prejuízo causado.

CAPÍTULO. II Metodologia

Este trabalho de pesquisa destinou-se a investigação do bullying e seu impacto no processo de ensino e aprendizagem em uma escola pública do município de Carinhanha, estado da Bahia. Para tal realizamos uma pesquisa de caráter exploratório e empírico. Segundo Demo (2000, p. 21) a pesquisa empírica está ligada ao tratamento da "face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural". A valorização desse tipo de pesquisa se dá pela "possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática" (DEMO, 1994, p. 37).

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois buscou um aprofundamento na questão por meio da interpretação dos relatos dos alunos acerca dos fenômenos presenciados e vivenciados na escola. Creswell (1998, p. 15) afirma que a

pesquisa qualitativa é um processo de indagação baseada numa tradicional metodologia distinta de investigação que explora um problema social ou humano. O pesquisador constrói um caso complexo, holístico, analisa palavras, reporta a visão detalhada dos informantes e conduz o estudo num ambiente natural.

2.1 Procedimentos de coleta

Os dados foram coletados a partir de uma entrevista com 16 perguntas (apêndice 3) aplicadas a um total de 5 alunos sendo um aluno do EJA, três alunos do 9º ano, e uma aluna do 2º ano do ensino médio.

O roteiro da entrevista foi estruturado com 16 perguntas abertas. Estas perguntas foram elaboradas no questionário da instituição inglesa KIDSCAPE¹www.kidscape.org.uk e adaptadas de acordo à realidade da escola, e realizada individualmente com os alunos. Por compreendermos que a técnica de entrevista poderia ocultar algumas importantes informações, foi também utilizado o Grupo Focal como técnica de coleta de dados. Este instrumento permitira buscar, explorar e estimular os participantes a pensar e falar livremente sobre o tema de pesquisa. De acordo com Dirce Stein et all (2011, p. 01.), “o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico” (apêndice 1)

A observação de campo por sua vez consistiu na interação do pesquisador com o meio pesquisado, um contato direto com o objeto de pesquisa. Utilizando sempre os sentidos do observar, o ver e o ouvir.

2.2 Procedimento de análise

A análise dos dados foi feita por meio de uma Interpretação qualitativa dos relatos dos alunos. A coleta dos dados realizados durante a pesquisa de campo permitiu apresentar os dados em diferentes categorias que foram abordados por diferentes autores que escreveram e pesquisaram sobre bullying no espaço escolar.

Alguns autores enfatizam os seguintes conceitos relacionados ao bullying, à violência e à moralidade na escola: definição e aspectos do bullying (SILVA, 2010); Heteronomia, anomia e autonomia (PIAGET, 1994); Justiça imanente, retributiva e distributiva (PIAGET, 1994).

¹KIDSCAPE. Questionários de Pesquisa. Disponível em: www.kidscape.org.uk. Acesso em: 16 de novembro de 2012.

CAPÍTULO III - Análise de dados

Na análise dos dados serão apresentados os seguintes itens: Caracterização da escola; caracterização dos participantes da pesquisa; apresentação dos dados e análise dos dados.

3.1 Caracterização da escola

A instituição de ensino pesquisada pertence à rede pública do Município de Carinhanha. Na estrutura da escola pode-se perceber que são garantidas as condições para a convivência e aprendizagem dos alunos, possuindo quatro salas de aula, dois banheiros, uma cozinha, uma área arejada, secretaria e diretoria. Oferece um espaço amplo que serve para momentos de lazer e recreação para os alunos.

Na função administrativa a escola conta com uma diretora que está se graduando em pedagogia e o vice-diretor é graduado em matemática, na equipe também exerce a função um coordenador pedagógico graduado em matemática. O quadro de professores é composto por sete profissionais, sendo duas graduadas em geografia, uma em história, um em matemática e uma em letras. A equipe de apoio é formada por uma merendeira, um porteiro e duas faxineiras que auxiliam nos trabalhos desenvolvidos na escola.

A escola atende 192 alunos, sendo cinco turmas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental e duas turmas do seguimento II da EJA (5ª e 6º / 7ª e 8ª) nos turnos matutino e vespertino. Recebe ainda três turmas de ensino médio (1º, 2º e 3º ano) no período noturno, sendo que as mesmas usam do espaço da escola devido a uma parceria do estado com o município.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola ainda se encontra em processo de construção. Mas a escola conta com outros projetos como o Educando com a Horta escolar, onde buscam reeducar os hábitos alimentares dos alunos. Como educador dessa instituição realizei alguns projetos voltados para a violência

escolar, ou melhor, para o bullying. Sempre com o objetivo de detectar as raízes da problemática e assim desenvolver formas de intervenção da prática do bullying.

3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa

As perguntas elaboradas para a entrevista sobre bullying e violência escolar se destinaram aos alunos do 9º ano do ensino fundamental, 7ª e 8ª do seguimento II da EJA e alunos do 1º ano do ensino médio. Com este instrumento de pesquisa procuramos conhecer a realidade da escola pesquisada através das informações cedidas pelos alunos da instituição.

Foram selecionados 5 (cinco) alunos, sendo 2(dois) homens e 3 (três) mulheres, com a idade entre 15 e 19. Uma das participantes com 15 anos de idade já mora sozinha e os outros 4 alunos ainda moram com seus pais e irmãos. Os participantes apresentam comportamentos diversificados em relação ao bullying e foram convidados para participar da pesquisa por serem vítimas e/ou agressores. A partir da observação de campo foi possível perceber que, enquanto duas alunas demonstram consciência do que é o bullying e controle de seu comportamento, sabendo contornar essa situação, os outros três alunos mostraram certo descontrole quando se encontram nessa posição, pois sempre buscam responder da mesma forma. Querem utilizar da violência como meio de se conseguir justiça. Querem que sintam o mesmo que eles sentiram.

Como forma de conservar a imagem dos participantes, receberão nomes retirados do seriado americano Glee, pois cada um dos participantes se identificou com um dos personagens do filme que foi utilizado para debate no grupo focal: Mercedes, Tina, Santana, Puk e Kurt.

Os alunos apresentam uma história individual diferente em alguns aspectos e semelhantes em outros, tanto no contexto da escola, quanto no contexto familiar. Aqui serão apresentados alguns aspectos desta relação que os alunos estabeleceram com a equipe da escola, os colegas e também na comunidade.

Mercedes – Aluna vista como estudiosa e aplicada pelos professores. Tornou-se mãe aos 15 anos, hoje está com 17 anos. Por manter uma amizade com algumas

meninas da comunidade e estarem sempre juntas, sempre foi chamada de “lésbica” por muitos colegas na escola. E por ser gordinha sempre recebia apelidos do tipo “baleia”, “bomba”, “gorda” dentre outros. Mas sempre soube manter o controle, e sabe como lidar com essa situação, mesmo afirmando que às vezes sente vontade de se vingar.

Tina – Aluna de 17 anos estudante do 9º ano, tranquila, estudiosa e comportada pelos professores. Sempre elogiada pelos professores, o que atrai muita inveja de alguns colegas, que a apelidam de “sapatona”, é sempre criticada pelos alunos. Alvo de fofocas não só dos colegas como também de pessoas da rua. Mas como a própria já revelou, ela procura não levar em consideração as coisas que costuma ouvir durante as aulas. Relata que preocupa-se somente em aprender.

Santana – De 15 anos e estudante do 9º ano. Vinda de uma família desestruturada passou por situações difíceis em sua infância. Cresceu sem a presença da mãe. Enquanto vivia com o pai, era vítima de maus tratos. A aluna relata que foi levada para viver com a avó materna e desde criança sempre foi vista como uma criança problemática, que não demonstrava respeito por ninguém na escola. Ao mesmo tempo em que era alvo das brincadeiras ofensivas na escola, ela também praticava bullying, relata que o fazia como uma forma de defesa.

Puk – 19 anos e estudante do EJA. Quando criança era vítima de bullying, devido sua aparência física. Conta que era magrinho, pequeno... O alvo perfeito. Agora já entrando pra fase adulta, se tornou um rapaz alto, forte tornando-se o “chefão da escola”. Pode-se observar no cotidiano que se aproveita de seu porte físico para tirar vantagem em relação aos menores. Por já ter sido vítima das “brincadeiras” de intervalo procura por meio da intimidação se autoprotger.

Kurt – 15 anos estudante do 9º ano. Por apresentar um comportamento um pouco afeminado, ser brincalhão, um estudante interessado e um pouco agitado é o mais humilhado da turma do 9º ano. Leva nomes como “viadinho”, “menina”, “Viciadinha”, “doido”. Os colegas se referem a ele no feminino. “Manda essa ‘menina’ calar a boca!”. Conta que também é vítima de bullying fora da escola

3.3 Apresentação e análise de dados

Esta pesquisa iniciará a apresentação e análise dos dados com uma categorização que surgiu a partir da fala dos alunos e dos aspectos mais desenvolvidos em outros estudos sobre bullying. Considerando os estudos mais voltados para o tema do bullying, optou-se por desenvolver a análise das seguintes categorias: 1) definição de bullying; 2) sentimentos em relação ao bullying; 3) ações e reações em relação ao bullying; 4) julgamentos em relação ao bullying.

3.3.1 Definição de bullying

Em relação à definição sobre bullying destacou-se os seguintes relatos dos alunos:

“Bullying é uma pessoa **agredir** a outra na escola, xingar difamar. Pra mim é isso”. (Tina)

“São brincadeiras ofensivas, criticas que as pessoas fazem com palavras pesadas, **agressão** física e verbal”. (Mercedes)

“Eu entendo muitas criticas **ofensivas**, brincadeiras de mau gosto, e que falam coisas que não é verdade, há momentos que querem agredir”. (Kurt)

“É tipo ficar **zuando** com a cara da pessoa, falando apelidos que eles não gostam”. (Puk)

“Brincadeiras que **prejudicam** o colega, os sentimentos, a forma que ele vivi, que o faz sentir sozinho sem ninguém”. (Santana)

A partir destas definições dadas pelos entrevistados percebe-se que os mesmos possuem seu próprio conceito do que é o bullying, sem no entanto fugir das definições dadas nos estudos na área. Eles relacionam o termo bullying ao ato de violência física, o ato de ofender, de apelidar, de tirar proveito. A noção construída pelos alunos condiz com a definição de Ana Beatriz Silva (2010, p. 22). A autora diz que “o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais”.

Percebe-se no relato dos alunos que todos estão enfatizando o comportamento agressivo, a ação de agredir fisicamente e psicologicamente. Acreditam que esse tipo de violência gratuita é levada pela falta de consciência, falta de respeito, falta de princípios, por não aceitarem o diferente. Agem sem pensar no mal que esta causando à vítima. Também relatam que, dependendo das características individuais da vítima, a situação emocional pode causar graves consequências, como ressalta Miriam Abramovay (2003, p. 93),

“a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos, homicídios e até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual e todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional”.

Assim, é possível perceber que os alunos ao enfatizarem as agressões físicas e psicológicas sobre o bullying estão explicitando que são estes os comportamentos de bullying que estão mais presentes no cotidiano deles. A intencionalidade em ofender, humilhar e desmoralizar são menos enfatizadas, ficando o aspecto moral em segundo plano em comparação com o aspecto afetivo e com o dano físico causado. Aqui já podemos perceber que os alunos enfatizam a intencionalidade em agredir com as consequências do ato em si.

Percebe-se na fala dos participantes que a questão da diferença ainda não é respeitada no contexto escolar, a maioria das descrições de violência se referem ao diferente. Não respeitam o porte físico, opção sexual, cultura dentre outras características. Sabemos que o diferente às vezes assusta, mas o que se deve fazer é trabalhar a questão da aceitação, do respeito e a compreensão da diferença.

3.3.2 Sentimentos em relação ao bullying

A próxima categoria reflete sobre os sentimentos de quem é vítima. O que eles sentem, como lidam com esse problema. Dentre as falas dos alunos destacam-se:

“**Magoada** por ouvir coisas que era mentira”. (Tina)

“Eu ficava **triste**. Ficava com vontade de **chorar**, e às vezes eu até retribuía, devolvia”. (Mercedes)

“Eu fico **triste**. Porque as pessoas me julgam por uma coisa que eu não sou”. (Kurt)

“Normal, eu nem ligava por que eu **zuava** com eles também”. (Puk)

“**Mal**, porque isso vem das pessoas que eu mais gosto”. (Santana)

Como podemos perceber pelas falas, nas situações de bullying “cria-se um sentimento de inadequação, de não pertencimento, que mina sua autoconfiança e o faz sentir-se inferior” (GUERRA, 2011, p.01). É com as palavras desse autor que iniciamos a análise dessa categoria. Nota-se na fala da maioria dos entrevistados que eles apresentam um sentimento em comum, a tristeza. Como é difícil ver, ouvir e sentir provocações, insinuações, rejeição, discriminação e aceitação. E esses atos além de causar tristeza podem levar a vítima a se isolar. “Quem sofre bullying sente-se excluído e geralmente reage com um sentimento de inferioridade, que pode influenciar sua vida em seus aspectos emocional, social e profissional, não só no momento em que sofre a agressão, mas por muitos anos no futuro” (GUERRA, 2011: p. 01).

Percebe-se que ao mesmo tempo em que se sentem tristes, sentem revolta por serem vítimas do bullying. Essa revolta faz com que em outro momento, para não se sentirem tão mal, acabam fazendo o mesmo, e assim, de vítima passam a ser o agressor, o que pode ser visto nos relatos de alguns alunos, principalmente por Puk que relata revidar quando é agredido.

3.3.3 Ações e reações em relação ao bullying

Dando sequência as categorias, encontramos as falas dos alunos referentes às ações e reações.

“Física sim. Me falaram que eu gostava de mulher. E um dia porque gosto de sentar no fundo, eu minha colega estávamos conversando e rindo uma outra colega achou que estávamos falando dele e começou a me ofender. Uma agressão de graça e sem graça. Teve uma época em que meu nome era mato nas paredes da escola. Mas eu não ligava. E hoje ainda vejo muitos colocando apelidos que magoa muito”. (Tina)

“Já. Já fui chamada de gorda, baleia de feia, de burra. Já fui chamada de muita coisa, isso dói, mas nunca me importei com isso”. (Mercedes)

“Ah, muitos me chamam de doido, mas eu não sou. Tem horas que me chamam de viado, mas eu não sou. Só porque sou mole e não pego mulher”. (Kurt)

“Já. Falavam que eu estava com carrapato, coco perto da boca, por causa de uma verruga”. (Puk)

“Sim, por causa do meu cabelo e minha face. Me chamavam de cabelo duro e de “Chunk”. Me diziam que parecia com o boneco “Chunk”. E por eu ser engraçada me chamam de doida”. (Santana)

Devido a algumas características físicas, comportamentais ou por serem extrovertidos como ressaltou uma das participantes, eles se tornaram alvos fáceis de críticas, piadas, brincadeiras de mau gosto. São ações sem lógicas, com um simples propósito de usar de repetidas humilhações para atingir suas vítimas para gerar a alegria da maioria. Essas ações podem ocasionar diversas reações, tais como isolamento, exclusão, abandono escolar, vítima tornando-se agressor.

Ana Beatriz Silva apresenta em sua obra *Bullying, mentes perigosas nas escolas* dois tipos de reação: reação adoecedora e reações transcendentais.

3.3.3.1 Reação adoecedora

Os autores das agressões detectam alguma característica que diferencie suas possíveis vítimas dos demais ou algum tipo de fragilidade nas mesmas, sejam externas ou internas. Passam a se aproveitar disso atribuindo apelidos, gozações ou a própria agressão. Como pode ser notado na fala de alguns alunos.

“Já. Já fui chamada de gorda, baleia, de feia, de burra. Já fui chamada de muita coisa, isso dói, mas nunca me importei com isso” (Mercedes). Nota-se na fala da aluna que devido seu tipo física acabou se tornando o alvo perfeito para aqueles que preferem julgar, criticar, ofender e discriminar.

Quando a criança ou o adolescente acaba se encontrando dentro dessa situação e não recebe o apoio, a atenção da família, professores as reações apresentadas por ele pode ser diversas, como autoestima baixa, auto exclusão, depressão entre outros malefícios já citados anteriormente.

Os alvos certos dos bullies (autores do bullying) são aqueles que não apresentam algum tipo de defesa. Essas vítimas já se mostram aos demais como indefesa, com baixa autoestima. Com a prática do bullying o estado emocional da vítima corre o risco de se agravar. Como uma das participantes ressaltou em sua fala “às vezes o emocional é pior do que o físico, por que se uma pessoa te dá um tapa ali, dói, mas depois passa, mas se o caso for o emocional minha filha, ali pra passar demora e as vezes a gente não consegue nem superar” (Mercedes) concordando com Ana Beatriz (2010, p. 25) que diz que “a prática do bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis”.

Sem a superação desse trauma emocional, os problemas estende-se a fase adulta. O indivíduo se torna um adulto frustrado, onde se auto exclui do seu meio social, apresentando dificuldades em se relacionar com outras pessoas.

3.3.3.2 Reações transcendentais

Nesse tipo de reação, a vítima passa ter o controle de suas emoções. “Muitas vítimas do bullying são capazes de transformar dor, mágoas e sofrimentos em superação e transcendência” (SILVA, 2010, p. 82). Grande parte das vítimas

acaba formando grupos de combate ao bullying, oferecendo apoio às crianças e jovens, dando orientação aos pais de como identificar se seus filhos estão passando por essa situação e de como lidar com esse problema.

3.3.4 Em relação à moralidade

3.3.4.1 Autônoma

É uma tomada de consciência sobre a necessidade de se ter regras e respeitá-las. A criança passa a compreender que deve seguir uma regra para que em princípio, todos sejam respeitados e possam viver bem (PIAGET, 1994). Mediante esse aspecto destacam-se as seguintes falas:

“Que o menino foi jogado na lata de lixo, simplesmente porque ele estava usando uma roupa afeminada, parece que ele é gay. Aí o povo praticou Bullying, jogou o cara no lixo, **só por causa** da vestimenta”. (Mercedes)

“Que o rapaz, o agressor, ele era gay, só que não tinha coragem de assumir, ele agredia o gay assumido porque o outro tinha coragem de mostrar o que ele era e por que ele tinha preconceito, o **agressor tinha preconceito com ele mesmo** em não aceitar que ele fosse gay e que ele tava apaixonado pelo outro gay lá”. (Mercedes)

Sabemos que a sociedade nos impõe regras, o que devemos seguir e o que devemos evitar. Também sabemos que temos livre arbítrio, o direito de criar nossas próprias regras. Mas isso nem sempre é aceito.

Fazendo um paralelo com a cena trabalhada e a fala da aluna, percebe-se que um determinado jovem fugiu das regras da sociedade (com relação à homossexualidade). Teve autonomia para criar suas próprias regras. Passou a viver a seu modo. A agressão sofrida pelo mesmo é um tipo de punição por não seguir as regras da sociedade. Seu estilo de vida não era aceito.

“**Cada um tem suas escolhas**, ninguém pode interferir na vida de ninguém não”. (Santana)

“Porque **eu gosto de bater** nos mais fracos”. (Puk)

A fala do aluno acima mostra uma regra de sobrevivência. “Me aproveito dos mais fracos para intimidar os demais”. Uma disputa de poder. Isso por ter sido vítima quando criança.

Sobre a necessidade de se ter regras, ainda podemos citar outras falas como:

“Uma pessoa preconceituosa, que não se assume e não se respeita, uma pessoa que pelos dois serem gay, e ter coragem de assumir ele agrediu o garoto” (Mercedes).

“Só por que ele estava com uma roupa diferente não quer dizer que ele é melhor ou pior do que ninguém”. (Mercedes)

3.3.5 Em relação à justiça

3.3.5.1 Justiça Retributiva

Piaget refere-se a justiça retributiva quando a criança liga a justiça à sanção, a punição daquele que não respeitou a regra (PIAGET, 1994). Assim, a justiça para ela está no ato de punir o agente conforme ele agiu, relacionando a consequência do ato à punição, semelhante à lei de talião “olho por olho, dente por dente”. Vejamos a fala dos participantes:

“Sinceramente, eu espancava depois com um cabo de vassoura”. (Santana)

“Depois daquela cena eu matava todos eles”. (Santana)

“Às vezes pra intimidar alguém, às vezes você tem que usar as mesmas armas que ela, pra elas ver, pra elas perceber que o que elas fazem não é certo e alguém tinha que fazer com elas. E de tanto ela sofrer, um dia elas resolveram dar o troco”. (Mercedes)

“Realizada. Se sente um bem estar assim, não que aquilo é bom, mas dar uma sensação de dever cumprido. Pronto, agora me vinguei, agora ela sabe o que eu passei e pronto”. (Mercedes)

“Se sente realizada, praticamente. É porque ta devolvendo o mesmo que aconteceu com ela, dando o troco”. (Tina)

“Eu fazia alguma coisa pra que elas sentissem a mesma coisa que eu senti”. (Tina)

É comum que muitas vítimas do bullying sintam o desejo da vingança. Não necessariamente com a mesma intenção inicial dos agressores, mas pela vontade que algo seja feito em relação à violência. Como podemos ver nas falas dos alunos, eles querem que os autores sintam o mesmo que eles. Passe pelo mesmo que muitos são obrigados a passar diariamente em muitas escolas.

A expressão “olho por olho, dente por dente” que encaixa bem ao pensamento dos alunos. “Se ele fez, ele tem que pagar. E tem que ser com a mesma moeda”. Os participantes demonstram ter consciência de que a violência não é melhor maneira de se resolver os problemas, mas como não vêem uma posição da escola em relação a isso, ou não se sentem seguros com as regras existentes (ou inexistentes) acabam adotando essa filosofia.

3.3.5.2 Justiça Distributiva

Piaget chama justiça distributiva quando a criança compreende e enfatiza a necessidade de repor a perda ocasionada ao ofendido ou prejudicada pela ação cometida (PIAGET, 1994).

“Não é assim questão de querer bater pra matar, a pessoa pode te bater, você não vai querer bater na pessoa. No meu caso, se uma pessoa me fizer algum mal eu não vou me vingar assim no físico não, eu prefiro o emocional, que é pra pessoa sentir. Quem é que nunca...a pessoa te fez algum mal, você fazer ela sentir culpa por aquilo é melhor do que você dar dez tapas nela, ela te bater e você fazer

ela parar e pensar “oh meu Deus porque que eu fiz aquilo?”é muito melhor do que revidar fisicamente” (Mercedes).

Nesta fala podemos perceber uma outra atitude em relação ao agressor. A vítima não quer revidar, mas relatar ao agressor como ela se sente para sensibilizá-lo a parar. Ao ouvir a verdade do colega sobre sua atitude o agressor pode se deparar com seu próprio sentimento de inadequação, de exclusão e com a força e a intensidade de suas emoções, que ficaram guardadas e foram expressas em forma de agressão, mas que eram originalmente revolta, dor e mágoa. .

Os alvos certos dos bullies (autores do bullying) são aqueles que não apresentam algum tipo de defesa. Essas vítimas são vistas como indefesa, apresentando baixa autoestima. Com a prática do bullying o estado emocional da vítima corre o risco de se agravar. Como uma das participantes ressaltou em sua fala “às vezes o emocional é pior do que o físico, por que se uma pessoa te dá um tapa ali, dói, mas depois passa, mas se o caso for o emocional minha filha, ali pra passar demora e as vezes a gente não consegue nem superar” (Mercedes) concordando com Ana Beatriz (2010) que diz que “a prática do bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis” (p. 25).

Sem a superação desse trauma emocional, os problemas estende-se a fase adulta. O individuo se torna um adulto frustrado, onde se auto exclui do seu meio social, apresentando dificuldades em se relacionar com outras pessoas.

3.3.6 O impacto do bullying no processo de ensino-aprendizagem

Além das análises anteriores que revelam o impacto do bullying para os alunos, outro fator preocupante é o impacto na aprendizagem. Segundo os alunos há um impacto diretamente relacionado ao bullying:

“Prejudica e muito. Porque assim as pessoas vêm pra escola, mas não presta atenção no que a professor fala porque fica pensando em coisas que ouviu dos colegas, acaba ficando de cabeça baixa excluída dos colegas”. (Tina)

“Eu acho que sim. Porque quando a pessoa vai estudar fica pensando naquilo que os outros falam pra ela”. (Kurt)

“Sim, porque tipo assim o aluno quando vai se abrir ele não consegue com medo dos alunos rirem dele”. (Santana)

A ação do bullying não interfere apenas na vida emocional da vítima, como também na sua história como estudante, na sua aprendizagem e pode interferir no seu futuro. “Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas formas” (SILVA, 2010, p.22).

O aluno alvo das práticas do bullying acaba tendo sua atenção voltada para o medo, à intimidação. Ao invés de se concentrar na aula tem seu pensamento voltado para as ameaças, os apelidos que ouviu durante o intervalo. Isso contribui para que o aluno atinja a tão falada “fobia escolar”.

Segundo Silva (2010, p. 26) a fobia escolar “caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por falta, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar”. A autora menciona também que

“quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes”.

Os participantes da pesquisa reconhecem os malefícios que a prática do bullying traz para o cotidiano escolar. Em uma das falas, uma determinada aluna ressalta que o medo da crítica faz com que o aluno se omita, ele não se envolve com a aula. Se tiver dúvida, vai permanecer com a dúvida. O medo o domina e impede que ele prossiga, que avance, que cresça naquele ambiente.

Tudo começa com uma simples piadinha fazendo referência a alguma característica da vítima, e logo se transforma em uma grande bola de neve. E são várias as formas do bullying. Podemos identificar na forma verbal, físico, material, psicológico, moral, sexual e virtual. Geralmente tudo que o agressor deseja é ter o poder de governar a escola, ter todos os demais estudantes a sua mercê. “O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos participantes de bullying (os bullies) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio” (SILVA, 2010, p. 21).

Tais situações de bullying podem ocasionar graves consequências psíquicas e comportamentais na vida da vítima. Segundo Silva (2010) os problemas mais comuns são: Sintomas psicossomáticos; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social; transtorno de ansiedade generalizada (TAG); depressão; anorexia e bulimia; transtorno obsessivo compulsivo (TOC); transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e casos menos frequentes como esquizofrenia, suicídio e homicídio.

Percebe-se assim, que o bullying precisa de atenção nas escolas, para que a comunidade escolar construa um ambiente de aprendizagem humanista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A causa do bullying está associada às características culturais dos grupos nos quais ele acontece. Assim, é preciso compreender o contexto e a forma como as pessoas vivenciam o bullying para analisar suas causas e propor soluções. Como o bullying tem causas culturais, a conscientização e o processo de reflexão sobre a violência na escola torna-se uma das estratégias de abordagem do problema.

Percebe-se que aquela brincadeira “inofensiva”, o ato de apelidar, intimidar, criticar está cada vez mais presente no cotidiano escolar dos participantes. E com essas ações é inevitável à presença de sentimentos como medo, vingança, trauma. Encontramos nas falas dos alunos a indignação em relação ao descaso que a escola faz em relação a esse tema. Que, diga-se de passagem, cresce a cada dia.

Trabalhar o bullying não implica somente trabalhar o agressor e a vítima, vai mais além. Todos acabamos sendo responsáveis mesmo que direta ou indiretamente com o crescimento do bullying. Ao presenciarmos uma cena e nos omitirmos estamos sendo coniventes com a agressão. Se conhecemos alguém que esteja vivendo essa situação e não fazemos nada, simplesmente ignoramos os fatos e fingimos que o bullying não existe estaremos contribuindo para o agravamento da situação. Certa vez ouvi de um aluno que “o bullying não existe. O bullying foi inventado pelas pessoas para que os alunos se passem como loucos”. Dessa fala teremos uma noção de que muitos alunos ainda não tem consciência da gravidade do bullying.

Durante os estudos, com a análise dos dados e pesquisas extras fica notável que o bullying não afeta somente a vida estudantil da vítima, sua vida pessoal entra em crise também. O individuo passa a ter dificuldades em se relacionar com seu meio, por medo de ser rejeitado, não ser aceito. A final ele passa a vida ouvindo criticas dos colegas que acaba aceitando que realmente seja daquela forma. Vale ressaltar também que muitos pais não se envolvem, não mantêm uma relação afetiva com seus filhos, o que dificulta que os mesmos percebam que seu filho está passando por problemas emocionais. Por isso deve-se bater sempre na mesma tecla, pedindo o envolvimento dos pais na vida educacional de seus filhos.

Na maioria das falas dos participantes notamos que ao mesmo tempo em que entendem e reconhecem os prejuízos que o bullying traz a vida de uma pessoa, eles praticam e caracterizam seus atos como uma forma de se preservar, como menciona uma das alunas “Por brincadeira. Algumas vezes por maldade. Uma forma de me defender” (Mercedes).

Um dos objetivos proposto foi o de identificar as praticas do bullying no contexto escolar, e as comparando com as falas dos alunos percebe-se que as praticas mais comum dentro da instituição são: Os apelidos pejorativos, discriminação, agressão, intimidação e ameaças. E na maioria das vezes sempre com a intenção de humilhar publicamente o colega com a intenção de se engrandecer. E os sentimentos um mistura de medo com vontade de se vingar, tristeza juntamente com a raiva.

Em conclusão, acreditamos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois foram identificados os fatores e as diferentes conotações que o bullying tem para os alunos, assim como seu impacto nos aspectos mais amplos de sua vida fora e dentro da escola. Podemos comprovar que os alunos tem consciência do que é bullying, suas causas e consequências, se reconhecem como vítimas/autores construindo argumentos para suas justificativas. A identificação dos atos do bullying foram facilmente reconhecidos juntamente com os motivos que leva o agressor a cometer tais atos.

Esperamos que outras pesquisas sejam feitas nas escolas para que alunos e professores possam conversar e compreender melhor este fenômeno e desenvolver ações para diminuir sua incidência nas escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Mena; Memoriais de formação: a (re) significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação.

ALVES, Mariana Gaio et all. **Violência na escola: Das políticas aos quotidianos**. 2003, p. 44.

ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. IN: ABRAMOVAY, M.; FILMUS, D. ; VISCARDI, N. ; NAVARRO, L. H. ; MALUF, N. A. ; FURLAN, A. ; CASTANEDA, E. ; VALERA, C. **Violência na Escola: América Latina e Caribe**. UNESCO: Brasília, 2003. 480 p.

ABREU, M. V. (1998). **Cinco ensaios sobre a motivação**. Coimbra: Almedina.

BACKES, Dirce Stein et all. **Grupo Focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf. São Paulo, Brasil. Acesso em: 23 de agosto de 2012.

BATISTA, Vera Lúcia; **Conta sua história professora!** Narrativas que significam a prática educativa.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. **Modalidades de pesquisa: Um estudo introdutório** Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met02a.htm>. Petrópolis, 2002. Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.

CANDAU, Vera e outras - **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos - Vozes - RJ - 1995**.

CAVALCANTI, Meire. **Como lidar com brincadeiras que machucam a alma**. Disponível em: no site da internet www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia. Acesso em 17 de Agosto de 2011

COLOMBIER, Claire. **A violência na escola**. - São Paulo: Summus,1989 (Novas buscas em educação; v. 35).

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre. Editora: Artmed. 2ª Edição. 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

GUERRA, Marcelo. **Bullying pode gerar atos violentos**. Disponível em: <http://www.personare.com.br/bullying-pode-gerar-atos-violentos-m1373>. Rio de Janeiro, Brasil. Acesso em: 22 de janeiro de 2013.

MAYRON, Melanie – **Meninas Malvadas 2**. Estados Unidos: Paramount Filmes, 2011. 1 DVD (97 min.).

MURPHY, Ryan – **Glee Season one**. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. Ep. 01 (44 min.).

Normas para memorial. Disponível em: www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-normas-memorial.doc Acesso em: Mai. de 2012

NUNES, Antonio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas – Um guia para educadores**. São Paulo: Contexto, 2011.

PIAGET, Jean - **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SILVA, Ana Beatriz B. – **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TELLES, Vera - **Violência e Cidadania - In Violência no Esporte**-vários autores - Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania - SP - 1996.

VELHO, Gilberto. **Violência, Reciprocidade e Desigualdade: uma perspectiva antropológica**, 1996;

APÉNDICE

APÊNDICE 1



1ª cena: **Série Glee**

- 1 – O que vocês viram nessa cena?
- 2 – Teve alguma coisa que incomodaram vocês?
- 3 – O que vocês fariam se estivessem no lugar da vítima?
- 4 - O que vocês fariam se estivessem no lugar do agressor?
- 5 – O que vocês fariam se assistissem uma cena dessa em sua escola?
- 6 – Isso ou algo parecido já aconteceu na sua escola?
- 7 – Nos conte o que aconteceu com o agressor.
- 8 – Porque as pessoas deixam isso acontecer?

2ª cena: **Meninas Malvadas**

- 1 – O que acharam do comportamento das plásticas?
- 2 – Como vocês definiriam as atitudes da Jhoe?
- 3 – Quando a pessoa se vinga, como ela se sente?
- 4 - Quando uma pessoa não se vinga, o que ela sente?

5 – Vocês concordam que a vingança é melhor maneira de resolver esse problema?

6 – Será que a vingança seria a melhor solução?

7 – Qual seria sua atitude se estivesse no lugar da Jhoe?

3ª cena: **Série Glee**

1 – Como vocês interpretam essa cena?

2 – Já viveu ou presenciou algo assim ou parecido?

4 – E a postura da vitima? Ele deveria aceitar tudo tão passivamente?

5 – O que motivava o agressor a cometer esses atos de violência?

6 - Vocês acham que é uma questão de aceitação?

APÊNDICE 2

TABELA DE ANALISE

1. INFORMAÇÕES BÁSICAS

<p>Definição (o que os alunos entendem por bullying e o que deixam de fora)</p>	<p>“Bullying é uma pessoa agredir a outra na escola, xingar difamar. Pra mim é isso”. (Tina)</p> <p>“São brincadeiras ofensivas, criticas que as pessoas fazem com palavras pesadas, agressão física e verbal”. (Mercedes)</p> <p>“Eu entendo muitas criticas ofensivas, brincadeiras de mau gosto, e que falam coisas que não é verdade, há momentos que querem agredir”. (Kurt)</p> <p>“É tipo ficar zuando com a cara da pessoa, falando apelidos que eles não gostam”. (Puk)</p> <p>“Brincadeiras que prejudicam o colega, os sentimentos, a forma que ele vivi, que o faz sentir sozinho sem ninguém”. (Santana)</p>
<p>Sentimentos (sentimentos comuns)</p>	<p>“Magoada por ouvir coisas que era</p>

de quem sofre bullying)	<p>mentira”. (Tina)</p> <p>“Eu ficava triste. Ficava com vontade de chorar, e às vezes eu ate retribui, devolvia”. (Mercedes)</p> <p>“Eu fico triste. Porque as pessoas me julgam por uma coisa que eu não sou”. (Kurt)</p> <p>“Normal, eu nem ligava por que eu zuava com eles também”. (Puk)</p> <p>“Mal, porque isso vem das pessoas que eu mais gosto”. (Santana)</p>
Ações/reações (quais são as reações e ações que envolvem o bullying)	<p>“Física sim. Me falaram que eu gostava de mulher. E um dia porque gosto de sentar no fundo, eu minha colega estávamos conversando e rindo uma outra colega achou que estávamos falando dele e começou a me ofender. Uma agressão de graça e sem graça. Teve uma época em que meu nome era mato nas paredes da escola. Mas eu não ligava. E hoje ainda vejo muitos colocando apelidos que magoa muito”. (Tina)</p>

	<p>“Já. Já fui chamada de gorda, baleia de feia, de burra. Já fui chamada de muita coisa, isso dói, mas nunca me importei com isso”. (Mercedes)</p> <p>“Ah, muitos me chamam de doido, mas eu não sou. Tem horas que me chamam de viado, mas eu não sou. So porque sou mole e não pego mulher”. (Kurt)</p> <p>“Já. Falavam que eu estava com carrapato, cocô perto da boca, por causa de uma verruga”. (Puk)</p> <p>“Sim, por causa do meu cabelo e minha face. Me chamavam de cabelo duro e de “Chunk”. Me diziam que parecia com o boneco “Chunk”. E por eu ser engraçada me chamam de doida”. (Santana)</p>
<p>Moral (explicações e argumentos para as ações de bullying)</p>	<p>“Por brincadeira. Algumas vezes por maldade. Uma forma de me defender”. (Mercedes)</p>

	<p>“Porque eles me provocam”. (Kurt)</p> <p>“Curiando e malinando as parada dos outros. O murro foi por ele ter me agredido também. So que tem tempo isso ai”. (Puk)</p> <p>“Por eles me magoarem e por saber que são pessoas da minha família. Eu também sou ser humano”. (Santana)</p>
--	--

2. Com relação à classificação que Piaget faz do conceito de justiça para a criança e o adolescente

<p>Justiça Retributiva - quando a criança liga a justiça à sanção, a punição daquele que não respeitou a regra.</p>	<p>“Sinceramente, eu <u>espancava</u> depois com um cabo de vassoura”. (Santana)</p> <p>“Depois daquela cena eu <u>matava</u> todos eles”. (Santana)</p> <p>“As vezes pra intimidar alguém, as vezes você tem que usar as mesmas armas que ela, pra elas ver, pra elas perceber que o que elas fazem não é certo e alguém tinha que fazer com elas. E <u>de tanto ela sofrer, um dia elas resolveram dar o troco</u>”. (Mercedes)</p>
--	---

	<p>“Realizada. Se sente um bem estar assim, não que aquilo é bom, mas dar uma sensação de dever cumprido. Pronto, agora me <u>vinguei</u>, agora ela sabe o que eu passei e pronto”. (Mercedes)</p> <p>“Se sente realizada, praticamente. É porque ta devolvendo o mesmo que aconteceu com ela, <u>dando o troco</u>”. (Tina)</p> <p>“Eu fazia alguma coisa pra que elas <u>sentissem a mesma coisa</u> que eu senti”. (Tina)</p>
<p>Justiça Distributiva - quando a criança compreende e enfatiza a necessidade de repor a perda ocasionada ao ofendido ou prejudicada pela ação cometida.</p>	<p>“Não é assim questão de querer bater pra matar, a pessoa pode te bater, você não vai querer bater na pessoa. No meu caso, se uma pessoa me fizer algum mal eu não vou me vingar assim no físico não, eu prefiro o emocional, que é pra pessoa sentir. Quem é que nunca...a pessoa te fez algum mal, você <u>fazer ela sentir culpa por aquilo é melhor do que você dar dez tapas nela</u>, ela te bater e você <u>fazer ela parar e pensar</u> “oh meu Deus porque que eu fiz aquilo?”é muito melhor do que revidar fisicamente” (Mercedes).</p> <p>“Às vezes o emocional é pior do que o</p>

	físico, por que se uma pessoa te dá um tapa ali, dói, mas depois passa, mas se o caso for o emocional minha filha, ali pra passar demora e as vezes a gente não consegue nem superar”. (Mercedes)
--	---

3. Com relação à classificação que Piaget faz da moralidade na criança e no adolescente

<p>Autônoma - É uma tomada de consciência sobre a necessidade de se ter regras e respeitá-las. A criança passa a compreender que deve seguir uma regra para que em princípio, todos sejam respeitados e possam viver bem.</p>	<p>“Que o menino foi jogado na lata de lixo, simplesmente porque ele estava usando uma roupa afeminada, parece que ele é gay. Aí o povo praticou Bullying, jogou o cara no lixo, só por causa da vestimenta”. (Mercedes)</p> <p>“Porque eu gosto de bater nos mais fracos”. (Puk)</p> <p>“Que o rapaz, o agressor, ele era gay, só que não tinha coragem de assumir, ele agredia o gay assumido porque o outro tinha coragem de mostrar o que ele era e por que ele tinha preconceito, o agressor tinha preconceito com ele mesmo em não aceitar que ele fosse gay e que ele tava apaixonado pelo outro gay lá”. (Mercedes)</p>
--	---

	<p>“Cada um tem suas escolhas, ninguém pode interferir na vida de ninguém não”. (Santana)</p>
--	---

APÊNDICE 3



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia à distância
Polo de Carinhanha

QUESTIONÁRIO BULLYING

1 – SEXO

() MASCULINO

() FEMININO

2 – QUAL A SUA IDADE?

3 – VOCÊ ESTÁ CURSANDO QUE SÉRIE/ANO?

4 – QUEM MORA NA SUA CASA ATUALMENTE?

5 – O QUE É BULLYING EM SUA OPINIÃO?

6 - ALGUNS OU ALGUNS COLEGAS DE ESCOLA TE AMEAÇARAM E OU FORÇARAM A FAZER COISAS CONTRA A TUA VONTADE?

7 - VOCÊ JÁ FOI INSULTADA/O, LHE CHAMANDO DE NOMES, POR CAUSA DE ALGUMA CARACTERÍSTICA FÍSICA OU DEFICIÊNCIA?

8 - COMO VOCÊ SE SENTE OU SENTIU COM ISSO TUDO?

9 - AS PESSOAS QUE TE AGREDIRAM, INSULTARAM E OU CHATEARAM SÃO MENINOS OU MENINAS?

10 - VOCÊ JÁ INSULTOU, BELISCOU, BATEU OU DEU APELIDOS PEJORATIVOS A ALGUM COLEGA DA ESCOLA?

11 - E O QUE TE LEVOU A COMETER ESSE ATO?

12 - SENTE-SE SEGURA/O NA SUA ESCOLA?

13 - OS ALUNOS AJUDAM OS ALUNOS VÍTIMAS DE BULLYING?

14 - OS PROFESSORES E OS OUTROS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA SEPARAM OS ALUNOS QUANDO HÁ SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, DE BRIGAS E OU DE BULLYING?

15 - VOCÊ ACHA QUE O BULLYING PREJUDICA SEU APRENDIZADO? POR QUÊ?

16 - QUE SUGESTÕES VOCÊ DARIA PARA ACABAR COM O BULLYING NA ESCOLA?

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

*“Há uma luz em algum lugar
Que vai fazer seu sonho se realizar
É só você acreditar
Que uma nova estrela vai poder brilhar
Algo em você vai despertar
Não duvide nunca você vai chegar
Nunca deixe de sonhar.*

*Há uma luz que não se vê
Brilha o tempo todo dentro de você (há uma luz)
Há uma luz em algum lugar
Que vai fazer seu sonho se realizar”.* (Nunca Deixe de Sonhar – Rouge)

VIDA PÓS UNB

Sempre fui aquele que deixaria a cidade durante o ensino médio em busca de uma educação de qualidade. Tive essa oportunidade e acabei deixando escapar. Fiquei em minha cidade para cursar o ensino médio. Mas nunca imaginaria que um dia poderia estudar em uma das melhores faculdades do país. E o melhor de tudo, sem deixar minha cidade.

Entrar na UnB foi um dos maiores acontecimentos em minha vida. Mas sei que o curso não irá durar pra sempre, é só mais uma etapa que esta se encerrando. E o que virá depois? O que farei de minha vida?

Muitos pensam que pretendo continuar seguindo carreira no campo educacional. Mas isso não é pra mim. Ao concluir o curso de pedagogia pretendo me graduar em artes cênicas ou publicidade. Além de serem áreas respeitadas tem muito haver comigo. Construir uma carreira solida, não com a intenção de conquistar fama, dinheiro e sim estabilidade. Não espero fama e sim reconhecimento do meu trabalho.